

# COMUNICANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Rachel Trajber e Teresa Melo<sup>1</sup>

Este texto trata de como comunicar o que vamos aprendendo em Educação Ambiental. Ele visa a apoiar a comunidade escolar em sua tarefa de formar cidadãos e cidadãs democráticos, com espírito científico, preparados para conhecer e interagir com seu meio. Sua proposta traz uma maneira viva de desenvolver projetos envolvendo a escola e a comunidade de seu entorno.

## Produzindo conhecimento na Escola

A Educação Ambiental educa com a vida e o planeta em mente. Quando a gente aprende sobre a harmonia da vida, a gente respeita e conserva. Precisamos conhecer nossa realidade para podermos realizar nossos sonhos de qualidade de vida e construir nossa felicidade. Cada escola pode ser, e algumas vezes já é, um local de pesquisas do seu cotidiano e da sua realidade. O professor e a professora não precisam somente reproduzir o saber acadêmico, mas podem - e devem - também produzir conhecimentos e realizar pesquisas sobre nossos sistemas naturais tão ricos em beleza e diversidade de espécies, bem como sobre as culturas humanas com eles convivem, muitas vezes modificando e destruindo sem critérios, principalmente ao longo das últimas décadas.

Fazer pesquisa sobre o meio ambiente não é um bicho de sete cabeças, é uma questão de atitude, raciocínio e método. A metodologia de pesquisa científica exige rigor ao descrever o caminho percorrido para a produção dos saberes, de modo que outros possam trilhar caminhos semelhantes, comparando com seus próprios resultados e ampliando os conhecimentos existentes sobre o assunto.

Essas pesquisas não precisam ser desenvolvidas apenas por cientistas em laboratórios sofisticados nas universidades ou centros especializados. É claro que temos muito a aprender com os cientistas, mas sabemos que tem muitas pessoas em cada local que monitoram muito bem a natureza no cotidiano e retratam de maneira encantadora

---

<sup>1</sup> Adaptado de *Cadernos de Educação Ambiental* - Em co-autoria com Rachel Trajber, Miriam Duailib e Viviane Junqueira. Instituto Ecoar para a Cidadania / WWF, 2001.

o que as pessoas pensam e falam sobre sua realidade. O conhecimento popular também oferece riquezas fundamentais para o conhecimento científico e a escola se torna um espaço onde podemos fazer os dois dialogarem, comunicando seus achados e contribuindo para o crescimento de todos.

A Internet, quando disponível, pode ser utilizada para pesquisa de dados e informações sobre qualquer tema. Essa biblioteca universal, apesar de excelente, exige alguns cuidados que, quando tomados, contribuem bastante com o processo educacional. Por exemplo, é importante verificar a fonte das informações coletadas, quem as publicou, de onde foram retiradas; os alunos precisam entender que o importante não é copiar tudo indiscriminadamente, mas conseguir selecionar o que interessa e adaptar às suas necessidades. Dessa maneira, a rede mundial de computadores pode se tornar uma aliada, não uma inimiga da sala de aulas.

A sugestão de atividades proposta aqui tenta orientar educadores e educadoras na realização de uma pesquisa a partir das observações que fazemos no cotidiano, sem entretanto necessitar de materiais especiais, caros e difíceis de serem encontrados. Ela pretende ajudar a produzir o pensamento científico na escola, junto com os jovens, pelo caminho das descobertas e do diálogo com pessoas da região que conhecem profundamente seu entorno, com técnicos especializados, com acadêmicos, com pesquisadores e com os livros. E também sugere algumas maneiras de comunicar os resultados desse trabalho, para que mais pessoas possam se enriquecer com seus resultados. Para que cada escola se torne um centro de pesquisas em ciências humanas e biológicas precisamos trilhar alguns caminhos, para os quais sugerimos algumas pistas.

Estes caminhos seguem também a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que nos sugerem um trabalho pedagógico inserido em contextos, realizado interdisciplinarmente, que incentive o raciocínio e a capacidade de aprender. Os PCNs dizem, ainda, que a "análise dos saberes, das necessidades dos alunos e do entorno social fornece os dados básicos para a intervenção pedagógica, a organização curricular, a escolha da metodologia, do material didático e das formas de avaliação" .

Cada educador deve se ver como um pesquisador ambiental e seus alunos e alunas como grupo de pesquisa. Para isso é preciso confiar em si próprio, em sua capacidade de ir construindo seus próprios conhecimentos e de comunicá-los para grupos maiores. Isso trará seriedade e segurança para o grupo, além da oportunidade de

experimentar diferentes maneiras de socializar os resultados de seu trabalho.

### **Um por todos e todos por um!**

Cada aluno e aluna dos grupos deve participar de todas as etapas do trabalho. As inquietações, curiosidades e sonhos dos jovens devem ser trabalhados desde a definição da pesquisa, seus caminhos e resultados, até sua apresentação e a avaliação final da atividade. Dessa forma cada pessoa poderá se sentir contribuindo individualmente com suas idéias, textos e registros, fazendo que o professor tenha subsídios para avaliar o desempenho de cada um e cada uma na construção das experiências coletivas.

Nenhum professor ou professora tem necessidade de saber fazer tudo sozinho, ao contrário, trará muita riqueza aos grupos procurando integrar os conhecimentos de outros educadores da escola de maneira verdadeiramente interdisciplinar. Além disso, será importante mobilizar o saber e os recursos disponíveis em instituições governamentais e não-governamentais das proximidades, ou de parceiros que possam contribuir para trazer outros saberes aos grupos.

Todas as pesquisas realizadas pela escola devem ser consideradas com grande seriedade tanto na dimensão de geração de conhecimentos quanto em seu poder de comunicar a públicos mais amplos que a classe, e até de propor políticas públicas locais, gerando mudanças. Para isso, as aprendizagens obtidas precisam ser divulgadas para a escola como um todo, a comunidade escolar e para os órgãos interessados usando sempre diferentes formas de comunicação.

Na atividade que propomos indicamos como criar jornais, mas se pode também criar programas de rádio, vídeos, internet, exposições, mostras de artes, shows e o que estiver ao alcance da imaginação e da disponibilidade tecnológica dos grupos. Ao escrever cartas para entidades governamentais propondo intervenção, mudanças ou mesmo elogiando iniciativas bem sucedidas, a escola estará atuando de forma cidadã e transformadora. Mas tudo isso só pode ser feito com qualidade depois de termos levantado muitos dados, sistematizado e organizado as informações da pesquisa, de maneira a se tornarem conhecimentos aprofundados sobre cada tema.

## **Sugestão de Pesquisa**

**Conhecer histórias para fazer a história.** A atividade de pesquisa é trabalhada a partir de uma disciplina principal – História - com interdisciplinaridade voltada para Língua Portuguesa, Geografia e Matemática. A proposta é se produzir um jornal mural a partir da coleta de histórias orais e da memória das pessoas da comunidade sobre o meio ambiente.

O público-alvo desta sugestão de pesquisas fica entre as 6as e 8as séries, mas ela traz também algumas atividades a serem desenvolvidas pelos “pequenos”. Sabemos que cada professor será capaz de aproveitar as idéias gerais e adaptá-las às suas classes.

### **ATIVIDADE: Conhecer histórias para fazer a história ambiental**

O objetivo desta atividade é sensibilizar os estudantes para a percepção dos valores que orientam as relações de sua comunidade com o meio ambiente, conhecendo um pouco as mudanças ocorridas o longo do tempo.

Proponha a atividade para a sua turma, iniciando com uma conversa sobre onde cada um nasceu, como são suas famílias, seus vizinhos e conhecidos, se conhecem alguém que tenha passado parte de sua vida em um outro lugar. Sugira, então, a atividade de desenhar o perfil da comunidade escolar em relação a suas origens e seu modo de vida atual. Traga a conversa para o meio ambiente natural. Será que seus antepassados tratavam a terra de maneira diferente da de hoje? Como será que eles usavam a água? O que eles comiam? Como lidavam com os bichos e as plantas?

Depois discuta como será que eles comparam esses costumes dos antepassados com os atuais e qual sua relação com o bairro onde vivem.

Para podermos responder melhor a esse questionamento, precisamos fazer um levantamento na comunidade. Pode-se escolher vários métodos para termos um levantamento bem feito. Para este caso sugerimos um deles: *histórias de vida* baseadas em *entrevistas*. Esse método ajudará a colher as informações de que precisamos, desde que sejam escolhidas as pessoas certas para darem os depoimentos: gente

com mais idade, com um gosto especial por contar casos, que saiba falar bonito e "colorido". Pode ser até pessoas que desconhecem a leitura e a escrita, nunca tiveram acesso à escola, mas têm um contato especial com a natureza e com os outros; elas são profundas observadoras da sociedade e da vida, além contarem histórias muito bem, a partir de sua própria experiência de vida. Cada um de nós conhece alguém assim!

## MÉTODO PARA A COLETA DE DADOS

**História de vida:** este método exige algum tempo disponível, mas é bastante interessante. Quantas vezes já ouvimos nossos pais, avós, tios, amigos da família contarem momentos de suas vidas, passagens que marcaram e estão bastante presentes em suas memórias?

Quando nos propomos a utilizar o método "história de vida", é isso que devemos fazer: ouvir com respeito e registrar tudo com cuidado. Vamos pedir que alguém nos conte sua vida, desde suas primeiras lembranças, deixando que as histórias venham à tona de maneira descontraída, sem exigir muita precisão nas datas, nos nomes, simplesmente desenrolando o novelo de sua memória. Como um rio que vai fluindo e a gente fica sentado na margem, só observando, sentindo a passagem da água.

Alguns exemplos de questões que podem ajudar a turma a orientar os entrevistados sobre o que contar de sua vida. No entanto, eles são apenas indicativos e não devem impedir que a classe toda participe da criação de seu próprio roteiro.

### ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

Nome \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ entrevistado:

Local de nascimento (cidade, estado, país): \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Tipo de trabalho \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_ atual: \_\_\_\_\_

⇒ Conte-nos sobre suas aventuras de infância, o que seus pais faziam, como eram suas brincadeiras de criança.

⇒ Conte-nos como se tratava a terra, as plantas, os bichos e a água quando era criança.

⇒ Faça uma comparação com as maneiras pelas quais a natureza está sendo tratada agora.

⇒ Conte-nos sobre seus sonhos e esperanças na época. E os seus sonhos atuais.

⇒ Fale um pouco sobre como poderemos melhorar a qualidade de vida em nossa cidade.

As questões podem direcionar um pouco as Histórias de Vida para a questão ambiental, deixando sempre que os entrevistados fiquem à vontade para respondê-las. Se os ouvintes perceberem que precisam fazer algumas intervenções para garantir as informações importantes para a sua pesquisa, podem ir perguntando com muita delicadeza ao longo da conversa, sempre que aparecer a necessidade de esclarecimentos, mas sem interromper muito.

Qualquer que seja o método, mais dirigido ou menos, é importante explicar para a pessoa entrevistada a finalidade de seu depoimento para que ela saiba que está participando de uma pesquisa da escola sobre como era a relação das pessoas com o meio ambiente e o que podemos aprender para modificar as relações atuais. Pergunte seu nome completo, onde nasceu e a idade. É preciso, também, fazer um levantamento com toda a turma dos assuntos que julgam importantes serem pesquisados, sempre lembrando que é importante entender como se dá o envolvimento das pessoas com seu meio ambiente, o seu sentimento de pertencer a um mundo e a uma cidade onde a natureza está sendo muito desrespeitada e o que podemos fazer para mudar essa situação.

## REGISTRANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA

Com o roteiro da pesquisa na mão, cada um vai colher seu depoimento com a pessoa escolhida. A maneira mais fácil é utilizar um gravador e depois escutar a fita, que pode ser transcrita por inteiro, ou apenas para anotação dos pontos importantes. Se não for possível utilizar um gravador, as anotações devem ser feitas no decorrer da conversa. Cada turma deve utilizar os recursos tecnológicos de que dispõe: pode-se gravar em vídeo, em áudio, tirar fotografias do entrevistado

ou entrevistada (sempre com seu consentimento) ou, fazer o registro por escrito, à mão.

Algumas pessoas especiais, que todo mundo quer ouvir, podem ser convidadas a vir conversar na sala de aula. Nesse caso, a sala pode ser especialmente preparada para recebê-las, com todas as cadeiras em círculo, desenhos enfeitando as paredes, um vaso de flores e até alguma coisa gostosa para todos comerem no final da conversa.

Depois de colhidos os depoimentos, o resultado da pesquisa pode vir em diversas etapas e de maneiras diferentes: na forma de relatório contendo textos dos alunos que trabalhem, em grupos, na leitura das transcrições e também no levantamento dos temas abordados nas entrevistas: como era a infância das pessoas entrevistadas, como as pessoas tratavam a natureza e como tratam agora, o que sugerem para mudar, entre tantos outros que a turma considere interessantes.

Pode ser que apareça um tema levantado pelos entrevistados e que não estava no roteiro. Se isso acontecer, ele deve passar a fazer parte também do resultado da pesquisa.

Toda a pesquisa deve, porém, ser comunicada a mais pessoas que apenas os alunos que participaram diretamente do trabalho. Nesse momento entram a comunicação e a interdisciplinaridade.

### ***EDUCOMUNICAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE: integrando e multiplicando saberes***

#### ***Língua Portuguesa – Jornal Mural***

Pode ser feito um jornal mural com textos escritos por todos os alunos, contendo, na forma de matérias jornalísticas, as conclusões e observações sobre a atividade, trechos dos depoimentos e entrevistas mais marcantes e fotos dos entrevistados. Esta é uma forma divertida de sistematizar e publicar o rico material coletado, expondo as histórias de muitas pessoas para toda a escola.

## Como se faz um jornal mural

Para qualquer tipo de jornal, seja ele mural ou a ser impresso e distribuído aos leitores, o processo de redação é o mesmo e inclui: a escolha dos assuntos, a distribuição das tarefas, a discussão de como o material apurado deve ser publicado, a diagramação, a definição dos espaços, dos títulos e das páginas.

Junte todo o material coletado, escolha com a classe toda o nome do jornal e distribua as tarefas. Quem tem letra bonita se encarrega de copiar os textos. Lembre-se de que em um jornal mural os textos precisam ser curtos, escritos à mão ou digitados no computador com letra grande e clara, para que nossos leitores possam ler em pé, sem perder o interesse. Quem tem jeito de artista pode fazer as ilustrações, tirar as fotos ou combinar as duas coisas. O importante é que tanto as fotos quanto as ilustrações tenham a ver com os textos e a explicação do que se trata (contexto e nome da pessoa ou do local).

### Tipos de matérias jornalísticas

Reportagens: para fazer uma reportagem sobre as histórias de vida, escolha um tema sobre o qual diversos entrevistados tenham falado. Depois se escreve um texto só resumindo as idéias e os fatos sobre aquele tema.

Entrevista: quando a pessoa entrevistada é bem interessante e objetiva, pode aparecer no jornal como pergunta e resposta, mesmo. Mas precisa tomar cuidado para não cortar e modificar suas idéias.

Pode-se também optar por fazer uma série de perguntas com respostas rápidas e curtas, tipo pingue-pongue, no final de cada entrevista. Isso precisa ser programado para acontecer no final de cada história oral ou entrevistas.

Fica bom colocar uma ao lado da outra no mural para os leitores compararem diversas.

Artigo: alguém pode querer escrever um texto mais opinativo em que coloque seu pensamento pessoal, ou o de seu grupo de trabalho, sobre a ocupação dos espaços na cidade ou o sonho das pessoas, por exemplo.

**Crônica:** texto curto e rápido, quase uma redação bem animada, que fala sobre curiosidades do dia-a-dia.

### **Diagramação**

É importante pensar na “cara” do jornal mural. Ele precisa ser atraente, harmonioso, leve e bonito para chamar e manter seus leitores. Por isso, textos, títulos, fotos e ilustrações precisam ser previstos e diagramados de maneira estética nas folhas de cartolina antes de serem coladas. O nome do jornal pode vir só na primeira página ou em cada uma das cartolinas, sempre lá em cima, centralizado e bem grande.

### **Títulos**

Com os textos prontos e a diagramação preparada, é hora de fazer os títulos das matérias. O ideal é que sejam curtos e chamativos para atrair leitores.

### **Revisão**

Tudo pronto, antes de afixar os textos no mural, todos devem ler tudo e corrigir os erros de Português. Ninguém gosta de ler uma publicação com erros, sem nome de autor, títulos ruins ou trocados, informações incorretas.

### **Afixando o jornal**

Agora é só pendurar o jornal no pátio, corredor da escola ou em outro espaço que considerar bom para afixar.

**Matemática** – a atividade de matemática pode envolver diretamente a produção e diagramação do jornal mural. A cartolina deve ser medida e quadriculada para poder contar com uma distribuição harmoniosa e homogênea dos textos e fotos. A precisão e o planejamento são fundamentais, pois nada pode dar errado. Aqui podem ser trabalhados conceitos como centímetros, metros, perímetro e área.

**Geografia:** identificar em mapas os trajetos, as trajetórias de vida, os lugares onde nasceram os entrevistados – é interessante ter um mapa do Município. Compare com seus alunos as atividades que as pessoas desenvolviam nos seus locais de origem e vejam como nos novos lugares de moradia elas tiveram que mudar de vida. Debatam as

razões para essas mudanças. Discutam as diferentes opiniões sobre as relações das pessoas com o meio ambiente e seus sonhos de qualidade de vida.

### **DE 1ª A 4ª SÉRIE**

Os alunos mais novos também podem participar desta pesquisa montando uma árvore genealógica de suas próprias famílias. Eles devem perguntar aos seus pais, tios, avós até onde suas lembranças vão. Sempre deve constar:

- ⇒ nível de parentesco a partir do aluno ou aluna;
- ⇒ nome completo do familiar;
- ⇒ local onde cada pessoa nasceu (e faleceu, se for o caso);
- ⇒ data de nascimento (e morte, caso não seja mais vivo);
- ⇒ local onde cada uma está vivendo atualmente.

Caso tenha fotografia, pode-se tirar uma fotocópia ou desenhar, para poder colar no trabalho.

### ***Era uma vez...***

Os mais novos darão uma importante contribuição para esta atividade se fizerem um levantamento das lendas presentes no imaginário das famílias da turma e que protegem o meio ambiente natural dos caçadores e dos pescadores que passam dos limites. Sabemos que as lendas representam uma maneira que cada povo tem de mostrar como entendem a vida e a morte, quais são seus valores, que atitudes aprovam ou condenam.

O primeiro passo será identificar na comunidade um bom contador de histórias. Esses importantes personagens são fundamentais para a preservação da memória coletiva dos grupos e estão presentes em todos os lugares. Identifique, junto com a turma, qual pessoa (ou pessoas) sabe e gosta de contar histórias e convide para vir até a escola para que os alunos ouçam o que ela tem a dizer.

Prepare um espaço diferente para receber o convidado ou a convidada: cada um pode trazer um tapetinho de casa para sentar-se no chão, deixe que todos se acomodem como preferirem. O importante é quebrar a rotina e arranjar de outro modo o espaço da sala de aula.

Depois de ouvir as histórias, é possível escolher uma delas ou várias, trabalhando em grupos. Há inúmeras possibilidades de se re-contar uma história por meio de várias linguagens e aqui você tem algumas sugestões, mas todas elas devem começar por um trabalho de pesquisa dos elementos presentes na narrativa.

Se na história há um personagem que é um animal, estudem o seu aspecto, os seus hábitos, o seu papel no ecossistema. Se a história se passa no meio da mata, procurem definir qual o tipo de vegetação comporia essa mata, o nome das plantas, como elas são. Também é importante “desmontar” a história com os alunos, identificando a seqüência das ações e o que acontece em cada uma delas. Enquanto esse trabalho vai sendo realizado, peça que todos tragam material de sucata para a classe: papéis, caixas, tintas, tecidos, latas, embalagens, etc. Depois de ter os elementos e o enredo da história bem claros, escolham a maneira pela qual toda a turma ou cada grupo prefere apresentar sua história. Vocês podem seguir uma das sugestões abaixo ou inventar sua própria maneira de registrar a história.

*Compondo as cenas:* Cada ação se desenrola em um local e podemos chamar cada conjunto de ação e cenário de “cena”. Distribua entre os grupos as cenas para que cada um seja responsável por representá-la plasticamente, utilizando todo tipo de sucata para compor cenários e personagens.

*Recontando sem falar* - organize a classe em dois grupos e proponha que o primeiro recontar a história utilizando os movimentos do corpo e o segundo por meio de sons. Vale utilizar o material de sucata como apoio às apresentações.

*Dando voz aos bonecos* – uma apresentação de teatro de fantoches reúne todas as linguagens, dando oportunidade para que os alunos trabalhem com texto escrito e falado (na elaboração do roteiro e falas de personagens e narradores); expressão plástica (na construção dos personagens e cenários a partir de material de sucata); música, etc.

Seja qual for a maneira escolhida para recontar a história, organize um grupo que terá como proposta colocá-la “no papel”. Esta a turma

irá transportar a linguagem oral para a escrita, compondo um livro da história, que poderá ser ilustrado, aproveitando aqueles que sabem e gostam de desenhar. Para produzir e reproduzir o livro vale utilizar todo o tipo de tecnologia: mimeógrafo, xerox, computador, ou outra qualquer que estiver disponível.

### **Trabalhando a língua escrita**

A transposição da linguagem oral para a escrita na elaboração do livro sobre a lenda escolhida será um excelente exercício de observação dos padrões de nosso idioma e seus usos. A exploração da fala do contador da história pode mostrar a todos que não existe um “falar” errado, ou um “falar” certo: o idioma se manifesta de forma rica e diversa e está disponível para todas nossas necessidades de comunicação, desde contar uma história até fazer um relatório científico. O importante é saber utilizar todas essas possibilidades, cada qual em seu contexto, respeitando a diversidade e a pertinência de cada uso.

Temos certeza de que esta sugestão será modificada e enriquecida por todos que a considerarem um “mote” para o trabalho com o meio ambiente no espaço escolar.

**Bom e divertido trabalho!**